

OS PÁSSAROS DE LUZ

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

O sol, essa pequena bola do céu esteve, agora há pouco, no retrovisor do meu carro.
Surgiu um passarinho que impaciente bicava o vidro, alimentava-se de luz.
A bola escorregava pelo espelho e a ave a seguia com o ciscar da vontade.
Aquele grão de milho quente saiu das parábolas espelhadas, fugiu no movimento telúrico.
O pássaro alimentado parte em voo. Cruza Ipês, plaina sobre o invisível e some. Torna-se firmamento.
Mas do que é feita a luz? O que havia dentro daquele grão de alimento cósmico?
De uma metamorfose interessante e estranha, as suas asas tornaram-se metálicas, seu bico mais afunilado. Veloz. A flexibilidade dos nervos cede lugar à flexível resistência das estruturas metálicas.
O canto enrouquece a puberdade motorizada. Veloz. Sônico. Agora é símbolo.
Uma ave engravidada de luz, ereta e precisa, carrega seus ovos. O pássaro imita o sol e solta sobre a terra sua luz em cápsulas, os ovinhos projéteis caem. E assim surgem as bombas caídas dos pássaros, ogivas, que descem nas noites escuras, rasgam o céu preto com manchas amarelas.
A guerra é um feito silencioso quando olhada nas retinas dos pássaros.
A bomba caída despeja-se no estrondo ensurdecedor, mas do alto é um balé de pura beleza da razão.
O sinal positivo e o dedo no botão. No rés-do-chão, as cores da luz misturam-se ao cheiro da carne carbonizada. A aurora da guerra haverá de ser todos os dias com o tingir da angústia.
A mãe enterra o filho com as mãos, tira-o da luz do dia. Ele habitará como um fantasma as terras bélicas, sua voz resmungará o silêncio, correrá por todas as pontes, escolas e hospitais reconstruídos.
O humano é o remorso do mundo.
No Vietnã, os meninos tentaram fugir das bombas, mas ficaram presos na fotografia.
O grito daquela menina nua engoliu as utopias de Ícaro; fez-se corpo na tela de Munch.
Aquele estrada não a levou para os nossos olhos acolhedores e piedosos, prendeu-a na retina dos olhos da modernidade. Schindler viu uma menininha correr um casaco vermelho, aquele vermelho era diferente. Ele brotava entre a seriedade do preto e branco.
Havia uma insurgência da inocência que coloria o mundo cênico da guerra.
O jovem comandante, de Akira Kurosawa, foi seguido pelo seu batalhão morto em combate.
Marchavam sérios, roxos defuntos cumpridores de ordens. Qual é o exato momento em que guerra mata; no combate ou no recrutamento? O jovem militar, corroído de assombrações, desejava a morte para descansar, contudo viver era verbo punitivo. Os cadáveres olhavam-no atônitos, incrédulos que haviam morrido. Ele grita as ordens militares: “Terceiro pelotão, meia-volta, voltem e descansem em paz”. Obedientes, marcharam para a escuridão do túnel do esquecimento. Dizem que foram heróis.
O comandante chegou, na sua pequena vila, louco, viveu pintando telas amarelas como Van Gogh.
A tinta respingava sobre as paredes, o amarelo escorria vermelho.
O filho tornou-se medalha e bandeira. O corpo dissipado em símbolos patrióticos, sua foto de uniforme enfeita a sala de estar. Que orgulho, seu filho morreu por algo maior.
Matou e morreu por um ente invisível chamado pátria. E os civis invisíveis, perdidos nas valas anônimas, vagam anônimos na cegueira atômica das bombas. Não possuem as honras de guerra.
A guerra acabou, olhem a revoada dos pássaros de paz. A menina corre para capturá-los. Cuidado.
O pezinho tocou a mina terrestre. E a alma leve da criança sobe aos céus e toca as penas da ave.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.